

Infeliz «criatividade»

«Versículos Satânicos»

■ ADELINO ALVES

O escritor inglês, de origem indiana, Salman Rushdie, talvez por escassez de assuntos, decidiu agarrar no Alcorão e fazer dele manta de retalhos, intitulado a sua obra de «Versículos satânicos». Vai daí, e como seria naturalmente de esperar, os crentes muçulmanos reagiram violentamente; pode dizer-se que mais violentamente do que o sr. Rushdie esperava. É de crer que apenas suspirasse por uma inédita propaganda que levasse o mundo inteiro a comprar os seus «versículos». Só que os muçulmanos foram muito mais longe: condenaram não apenas o livro, mas também o seu autor à morte. Aí, o sr. Rushdie entrou em pânico, por que o caso não é para menos: como acontecia nas democracias gregas, Rushdie foi votado ao ostracismo, não com a pena, a prazo, escrita na carapaça das ostras, untadas de cera, mas na consciência de todo um povo ofendido. Povo que não vai mais perdoar o ultraje. Estou mesmo em crer que por decénios que passem, a sorte de Rushdie está decretada. Os muçulmanos não vão mais esquecer a ofensa.

Na realidade, o imprudente escritor escolheu mal. Não se limitou a fazer considerações teológicas sobre o Alcorão, com o indispensável nível moral. Foi mais além: chegou ao ponto de dar os nomes das mulheres de Maomé (melhor se diria, como Camões o fez: Maforma) a prostitutas. E isto, na fé islâmica, seria o mesmo que, de igual modo, tratar na fé católica, Nossa Senhora, como acentua jornal estrangeiro.

Perante tão inconcebível atitude, os muçulmanos, na pessoa do «ayatollah» Khomeini, condenaram o escritor britânico à morte. Não se pode, evidentemente, estar de acordo com a sentença, porque ninguém tem o direito de matar seja quem for. A pena de morte não passa de pura e simples legalização de um crime. Na rigorosa visão da moral cristã, assim se deve entender. Só se pode interpretar a morte de outrém quando se trata de salvar a vida própria ou alheia, se **claramente** se concluir que outra solução não houver. Se somos, pois, contrários à pena de morte, não podemos deixar de ser, por outro lado, avessos ao tratamento dado por certos sujeitos a temas que lhes deveriam merecer, pelo menos, o mínimo respeito. Assim, que leva o autor inglês a dar a prostitutas os nomes das mulheres de Maomé? É claro que editores de toda a parte logo saíram a terreiro para lançarem o livro blasfemo no mercado. Porquê? Por amor da cultura e da criatividade intelectual? Diga-se com mais verdade, que por amor à vil pecúnia. A criatividade (?) deste tipo não pode merecer o apoio de consciência bem formadas. Estas são logicamente levadas a **saber respeitar** aquilo que os outros respeitam. Mesmo doutrinas que se não aceitem? Sem dúvida. Porque uma coisa é criticar acções e ideias, e outra o respeito pelas pessoas e suas crenças. Nós, católicos, também sabemos o que isto representa, pois em pouco tempo, vimos onde pode chegar a desmiolada criatividade (?) quando indivíduos blasfemos deram criminoso tratamento a Nossa Senhora e a Jesus Cristo. Só que, no Portugal «cristão», isso acabou por ser coisa de somenos, para as autoridades civis e até para **algumas** consciências «religiosas»!

Sintomático do fanatismo do **vale tudo**, em nome de uma desabusada criatividade (?) foi o alarme que correu (e corre) por este mundo ocidental: **só** os muçulmanos são culpados! Ora, a verdade é que a sua revolta tem razão de ser. Saibam, pelo menos, dar-lhe alguma, ou, se se quiser, não lha tirem toda...